

TEORIA DO ATOR-REDE E A FORMAÇÃO DE JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL¹

Denilson B. Marques²

Acássia S. Silva³

Resumo: Tornar-se jogador de futebol profissional é o sonho de muitos garotos brasileiros. O desejo de seguir esta carreira advém dos benefícios financeiros e sociais que conferem uma áurea quase que mágica da profissão de boleiro. No entanto, não basta escolher a profissão, faz-se necessário ser escolhido por ela e, portanto, adentrar na dinâmica da formação dos futebolistas. Dentro desta dinâmica futebolista, destaca-se o papel sociológico dos atores-rede (bola, chuteira, enzimas, gramado, etc.) na conformação da ordem social vivenciada dentro dos Centros de Formação. Estes atores-rede, através de suas performatividades e, por conseguinte, de seus agenciamentos da realidade tanto podem auxiliar os membros da comissão técnica a aferirem, estipularem e manipularem os aspectos físicos e futebolísticos dos aprendizes, de um lado; como também são eles os responsáveis por atuarem como mediadores para o aprendizado do futebol em nível profissional, haja vista que as diversas performatividades decorrentes da bola, chuteira, gramado, caneleira e campo, acabam por ofertar aos aprendizes a possibilidade de apreenderem a deslocarem seus interesses a depender da realidade social produzida por esses.

Palavras-chave: atores-rede, futebol, formação de jogadores, treinamentos

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas sobre as expectativas que muitos jovens brasileiros depositam no futebol como meio não só de ascensão econômica, mas também via segura para alcançar

¹ O presente artigo é um recorte do projeto de pesquisa desenvolvido junto a Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPE (PROPESQ- CNPq) intitulado Ciência, Tecnologia e Futebol – o Papel sociológico dos atores-rede na produção da dinâmica futebolística dos clubes Pernambucanos.

² Doutor em Sociologia (UFPE) e professor Adjunto do Departamento de Ciências Administrativas da UFPE.

³ Bacharel em Ciências Sociais (UFPE).

o reconhecimento social. Essa percepção da carreira de futebolista em parte decorre do impacto das experiências bem sucedidas de alguns jogadores brasileiros fora do Brasil, sobretudo nos clubes europeus (RIAL, 2009; SOUZA *et al*, 2008).

Ao contrário das concepções do senso comum, não basta talento para tornar-se um futebolista; antes são necessárias inúmeras horas de treinamento extenuante, sem que haja qualquer garantia de que concluído o processo de formação/produção⁴ de um atleta nas categorias de base de um clube haverá o aproveitamento do agora boleiro no time profissional (DAMO, 2007).

No estado atual da profissionalização do futebol, alguns elementos podem ser elencados como essenciais na formação/produção dos boleiros, dentre os quais podem ser citados: os espaços físicos conhecidos como Centros de Treinamentos (CT), com estruturas que compreendem desde albergues à academia de ginástica; as formas de recrutamento dos aspirantes; as tecnologias presentes no mundo do futebol, e os profissionais envolvidos no decorrer da formação/produção dos atletas.

Os pontos realçados acima são indispensáveis à compreensão do processo ao qual todo o aspirante a futebolista é submetido. Contudo, uma das indagações que fundamentam a elaboração deste trabalho reside no entendimento de que há uma relação direta entre a formação/produção dos futebolistas gerenciada e direcionada por atores humanos e a manipulação das competências técnicas, táticas e físicas graças à ação dos atores não-humanos (artefatos, técnicas, tecnologias etc.) que povoam os espaços do Centro de Treinamento, do Departamento Médico (DM) e do Departamento de Fisiologia (DF) do Clube Náutico Capibaribe e do Sport Club do Recife, as agremiações esportivas nos quais se deu o trabalho de campo. Em outros termos, almeja-se compreender em que medida os aparatos tecnológicos como, por exemplo, bola, chuteira, diferentes tipos e tamanhos de gramado, entre outros atores-rede⁵, interferem no procedimento de aquisição por parte dos aprendizes das técnicas essenciais à prática do futebol moderno⁶ em nível profissional.

⁴ A esse respeito consultar *Do dom a profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*, de autoria do antropólogo Arlei Sander Damo.

⁵ Costumeiramente, os estudos em Ciência e Tecnologia têm definido ator-rede como um tipo de entidade circulante originária do encontro semiótico entre natureza e cultura; subjetividade e objetividade; agência e estrutura não podendo ser reduzido a nenhum desses pólos (MARQUES, 2007).

⁶ Quando nos referimos aos artefatos tecnológicos que perpassam a prática do futebol na contemporaneidade, aludimos não só àqueles que se fazem presente dentro das quatro linhas – como a bola, a chuteira tecnológica, a bandeira eletrônica, por exemplo –, mas sim a todos os elementos não-humanos que influem dentro ou fora de campo na dinâmica do jogo.

No que concerne a metodologia de pesquisa, optamos por utilizarmos-nos do método etnográfico. Isto significa que, iniciamos a fase de coleta dos dados com a realização de incursões a campo, neste caso a observação dos treinamentos, avaliações físicas e jogos oficiais disputados pelos aprendizes de booleiro do Sport Club do Recife e Clube Náutico Capibaribe -, e posteriormente, foi realizada uma entrevista com o treinador dos juniores (SUB-20) do Náutico. Além das observações de campo e a entrevista, algumas conversas durante os treinamentos, jogos e avaliações físicas também ajudaram na compreensão do processo de formação. Por certo, houve uma negociação e estabelecimento de um acordo de convivência entre os pesquisadores, os membros da comissão técnica e jovem em formação dos dois clubes, sobre a divulgação e utilização das informações colhidas durante os momentos de formação dos garotos, onde os pesquisadores comprometeram-se a não divulgar informações pessoais que pudessem ser danosas tanto ao clube quanto aos jovens em formação, bem como, fora acertado que ao final da pesquisa seria entregue aos clubes o relatório de conclusão da pesquisa e as imagens registradas ao longo do trabalho etnográfico.

As observações de campo renderam um total de mais de trinta de diários de campo e mil fotografias, o que em horas atingiu cem horas de observação dos treinamentos, avaliações físicas, seleções de aprendizes e alguns jogos do Campeonato Pernambucano de 2010. Este volume de dados foi analisado a partir do estabelecimento de categorias analíticas e, posterior, cruzamento destas para a compreensão do papel sociológicos dos atores-rede na formação dos booleiros em Pernambuco. Pode-se dizer que as observações de campo alinhadas com as conversas informais e entrevista realizada, permitiram-nos compreender de que forma as performatividades e agenciamentos dos atores-rede coadunadas com a intencionalidade dos atores humanos (especialistas em formação de jogadores de futebol), com vista à formação dos booleiros de Sport e Náutico.

2. ALGUNS APONTAMENTOS TÉORICOS

Nas últimas décadas vimos às inovações tecnológicas atentarem contra a sacralidade das práticas esportivas, transformando-as quase por completo de simples

atividades lúdicas em produtos comercializáveis de uma civilização tecnológica⁷. A profanação das práticas esportivas atingiu igualmente tanto os esportes individuais (atletismo, ciclismo, pentatlo etc.) como os esportes coletivos (futebol, basquetebol, voleibol etc.), isto através do ingresso do conhecimento técnico e científico nos espaços de formação dos atletas.

Desta forma, o mundo futebolístico não conseguiu manter-se resguardado dessa violação. Ao contrário, vislumbramos o emprego quase irrestrito de máquinas, artefatos, inscritesores, técnicas e tecnologias, de uma forma geral, na formação/produção dos futebolistas profissionais. À primeira vista, parece haver uma ligação tênue, porém indissociável entre os fenômenos da espetacularização e comercialização desse esporte (como exemplo de uma sociedade pós-industrial ou de serviços) e o ingresso das inovações tecnológicas no jogo⁸.

Grosso modo, pode-se definir a atuação das entidades profanadoras em dois conjuntos. De um lado, os entes tecnológicos endógenos que há muito se encontram presentes no futebol, tais como a bola, o campo, o gramado, a chuteira e a caneleira, alvos de constantes estudos e aprimoramentos tecnológicos. Por outro, as entidades exógenas ao jogo, ligadas aos avanços da medicina esportiva como *Reflotron Ck®*, o *Soccer Test* e os demais métodos de avaliação físico-química dos jogadores⁹.

A atuação das entidades (exógenas e endógenas) no futebol, particularmente na formação dos futebolistas, ocasionou mudanças significativas. Dentre elas, pode-se destacar: maior racionalização dos treinamentos, com vistas ao desenvolvimento técnico, tático e físico dos jogadores; a possibilidade dos atores humanos (treinadores, preparadores físicos, fisiologistas e médicos) aferirem, estipularem e manipularem as competências físicas, técnicas e táticas dos aprendizes e futebolistas através das

⁷ A esse respeito, vide o trabalho seminal de Hans Jonas, no livro *o principio da responsabilidade: um ensaio sobre a civilização tecnológica*.

⁸ Refiro-me aqui à matriz futebolística espetacularizada ou profissional. Pode-se dizer que os futebolistas bricolados, tais como o futebol de várzea e o comunitário, avultam-se como os últimos espaços de sacralidade do futebol (DAMO, 2007). Isto tendo em vista que a atuação das entidades tecnológicas ainda mostra-se tímida, porém não inexistente, haja vista que nesses futebolistas há o emprego de algumas tecnologias endógenas.

⁹ O Reflotron® é um método de análise bioquímica empregado pelo o Sport Club do Recife para a determinação do quantitativo enzimático de Ck3, o que possibilita por sua vez que o fisiologista verifique a vulnerabilidade muscular do futebolista e, por conseguinte, a suscetibilidade dos futebolistas deste clube para a ocorrência de alguma lesão muscular. O Soccer Test, por sua vez, é um método desenvolvido pelo fisiologista do São Paulo Futebol Clube e prof. Turbilio Leite de Barros, no qual os futebolistas são avaliados segundo sua força muscular e resistência aeróbica.

performatividades e agenciamentos das entidades não-humanas, e, por fim, a inovação tecnológica no futebol permitiu a ampliação do tempo útil de carreira dos atletas¹⁰.

Agrega-se a isto o fato de que os atores humanos vêm fazendo uso das ações dos atores não-humanos para a conformação de uma ordem societária, onde os especialistas em formação são os legítimos porta-vozes da realidade social produzida pelos não-humanos e, por conseguinte, os únicos indivíduos que se encontram imersos nos *Tribunais de Razão*¹¹, conforme diria Latour (2000). Em outras palavras, como questionar os treinadores, fisiologistas e médicos acerca da exclusão de um aprendiz do processo de formação do Sport, por exemplo, se o desligamento das categorias de base deve-se ao fato de que o adipômetro denuncia que há um constante ganho de massa gorda em contraposição à perda de massa muscular?

Neste sentido, pode-se dizer que com o ingresso do conhecimento técnico-científico através dos artefatos, técnicas e tecnologias alterou o próprio *status* social do jogador de futebol profissional. Doravante, este jogador deve ser visto não apenas por sua face humana, que lhe é inata, mas também pela dimensão não-humana que o cerca. Pode-se dizer assim que há uma revisão de seu *status* social. Até meados da década de 1970, para um jogador consagrar-se como um craque nos gramados era preciso tão somente dominar uma etiqueta corporal¹² ligada à prática futebolista; hoje, faz-se necessário, para além do domínio das técnicas corporais, que o futebolista tenha competência física que se coadune com a sua posição/função dentro dos gramados.

De modo geral, os futebolistas do passado possuíam grande habilidade com a bola, ao passo que o desenvolvimento da musculatura variava imensamente de um boleiro para outro, podendo se observado a ocorrência de jogadores bem acima do peso atuando em grandes clubes e pelas seleções nacionais. Na contemporaneidade, por seu turno, evidencia-se o surgimento de atletas cada vez mais desenvolvidos muscularmente, não havendo mais espaço para indivíduos franzinos ou com sobrepeso.

¹⁰ Ao falarmos em tempo útil de carreira, deseja-se destacar que em virtude dos avanços na medicina esportiva, necessita-se de um tempo cada vez menor para tratar dos diversos tipos de lesão que acometem os craques da bola. Com efeito, ao se reduzir o tempo de recuperação dos atletas que porventura sofram algum tipo de lesão, há um aumento das horas úteis em que os jogadores se encontram em condições de jogar e, por conseguinte, amplia-se o tempo de carreira útil destes atletas.

¹¹ Conforme Latour (2007), fazendo uma analogia com as situações de julgamentos ocidentais, os Tribunais de Razão consistem em momentos sociais de julgamento, onde os atores sociais são confrontados de acordo suas práticas culturais.

¹² A respeito das etiquetas corporais, vide o estudo de David Le Breton em *A sociologia do corpo* (2009).

Tendo sido o futebol profanado por máquinas, inscritores¹³, artefatos, técnicas e tecnologias, avulta-se a questão: como é possível ofertar um tratamento sociológico adequado para a compreensão de um fenômeno tão complexo como é o caso da “constituição de futebolistas” por entidades humanas e não-humanas? Sem sombra de dúvidas, parece acertado dizer que apenas operando-se uma simetria generalizada, ou seja, lançando mão do entendimento de que os atores não-humanos são, juntamente com os atores humanos, entes passíveis de representação sociológica e, por conseguinte, figuram na condição de produtores do real através de suas performatividades e agenciamentos, é que se poderá obter êxito na abordagem desse fenômeno.

Haja vista que nos estudos clássicos sobre o fenômeno futebolístico se atribui apenas aos humanos a faculdade de produção do real e, conseqüentemente, da conformação da ordem social, faz-se imperioso que operemos uma passagem das considerações da sociologia simétrica e, mais especificamente, da teoria do ator-rede para dentro da sociologia dos esportes.

Uma vez que o tratamento do fenômeno futebolístico por uma teoria advinda dos estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) é algo pouco comum, faz-se necessário apresentar ainda que de forma resumida os principais conceitos e pressupostos da matriz teórica escolhida para a tessitura da argumentação analítica deste trabalho. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que o *locus* principal da teoria do ator-rede é o questionamento da centralidade dos atores humanos na produção da realidade social. Isto porque, os antropólogos e sociólogos da ciência ao investigarem o fenômeno da produção da ordem social, nos Centros de Inovação Tecnológica, tornaram público à existência de um movimento de redefinição contínuo das fronteiras do real através dos desempenhos de substâncias que só são visualizáveis graças às performatividades dos híbridos¹⁴ tecnológicos, os quais possuem a capacidade de *revelar* os híbridos naturais. Por certo, questionar a centralidade dos atores humanos na produção do real é indagar de igual modo a definição do objeto social da sociologia, a saber, o estudo do social.

¹³ Segundo Marques (2006), entende-se por inscritores todos os híbridos de origem tecnológica, sem os quais não seria possível acessar uma dada realidade produzida pelos híbridos “naturais”. Um exemplo desses híbridos tecnológicos é o microscópio, sem o qual não podemos vislumbrar as bactérias, vírus ou qualquer micro-organismo que seja menor que um grão de areia

¹⁴ Conforme Latour (1994), os híbridos ou quase-objetos são entidades que não são sujeitos nem objetos, segundo a Constituição moderna – termo utilizado pelo autor –, que tentou separar em duas zonas ontológicas, a saber: a natureza e os objetos, por um lado, e os humanos e a cultura, de outro.

Alia-se aos questionamentos sobre a produção do real o entendimento latouriano de que a modernidade jamais se constituiu de fato, porquanto a operação de separação do mundo natural e o mundo social não foi bem sucedida. Isso porque a modernidade, assim como seus substantivos, designa dois conjuntos de práticas distintos e antagônicos entre si. O primeiro conjunto de práticas cria pelo processo de tradução a mistura entre os híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por meio da purificação, uma separação ilusória de duas zonas ontológicas: de um lado, a natureza e os não-humanos, do outro, os humanos e a cultura (LATOURE, 1994).

Segundo Latour, o interdito de pensar a separação em duas zonas ontológicas distintas permite que os híbridos ou quase-objetos ¹⁵se proliferem à margem de qualquer interferência. Não obstante, o autor nos lembra que algo ocorreu para que só agora nos dêsemos conta que a modernidade nunca se processou. Esse despertar se deve à impossibilidade de continuar a negar que os híbridos existem e influem no mundo da vida.

É inegável, contudo, que o fenômeno do agenciamento não se processa de forma idêntica para humanos e não-humanos. Segundo Callon (2008), com a noção de agenciamento almeja-se designar a agência sem, contudo, reduzi-la ao corpo humano, tampouco aos instrumentos que prolongam o corpo humano. Ao contrário disto, ao falarmos em agenciamento, deseja-se destacar a possibilidade de compreensão da ação humana a partir dos conjuntos de configurações dos arranjos em que cada elemento esclarece os outros e permite compreender a atuação dos atores (humanos e não-humanos) a partir do seu agenciar.

Na concepção desse autor, os escritos sociológicos sobre o fenômeno da agência humana pecam por não reconhecerem que o ser humano encontra-se incorporado em operações de tradução¹⁶, o que significa que este sempre está incluído em uma dinâmica de agenciamento.

Para este autor, ao falar em agenciamento, deseja-se destacar a diversidade de formas de agência. Nas palavras dele:

O problema não é saber se os seres humanos são dotados de intenção ou se são capazes de calcular as causas e efeitos de suas ações, se são egoístas ou altruístas. A questão consiste em saber quais os agenciamentos que existem e

¹⁵ Segundo Latour (1994), o termo quase-objetos refere-se aos atores sociais que não podem ser classificados conforme a Constituição Moderna – termo do autor para falar sobre a separação ontológica entre natureza-cultura na modernidade – nem como sujeito, nem como objeto, e, portanto não se fazem presentes nas câmeras de representatividade.

¹⁶ A respeito da noção de tradução, vide Callon (2008).

que são capazes de fazer, pensar e de dizer a partir do momento em que induz estes agenciamentos, não só o corpo humano, mas também os procedimentos, os textos, as materialidades, as técnicas, os conhecimentos abstratos etc. (CALLON, 2008: 309).

Coaduna-se com o entendimento sobre o fenômeno do agenciamento dos atores não-humanos o conceito de performatividade. Para Marques (2007), entende-se por performatividade as respostas semiológicas infligidas pelos objetos a partir das quais atribuímos *significados lingüísticos especializados para cada tipo de resposta*. Para o autor, podemos estender o conceito de performatividade ainda para o momento onde as entidades não-humanas se “revelam” nos biotestes¹⁷. Ainda segundo esse autor, as entidades não-humanas não possuem uma essência. Elas são “reveladas” nos biotestes e definidas *a priori* por um conjunto de efeitos ou desempenhos que só são conhecidos pelos cientistas através de outros híbridos – os inscritores.

Das considerações teóricas deste autor pode-se extrair ainda o conceito de translação, que na sociologia simétrica refere-se a todos os deslocamentos operados pelos atores cujo trabalho de mediação é indispensável à ocorrência da ação. Nas palavras de Marques (2006), Bruno Latour utiliza o termo de translação nesse sentido:

Translação é um termo que entrecruza o acordo modernista (responsável por incontáveis problemas que não podem ser resolvidos separadamente e devem ser encarados em conjunto: a questão epistemológica de como podemos conhecer o mundo exterior; a questão psicológica de como uma mente consegue preservar sua conexão com o mundo exterior; a questão política de como logramos manter a ordem na sociedade; e a questão moral de como chegamos a viver uma boa vida). Em suas conotações lingüísticas e materiais, refere-se a todos os deslocamentos por entre outros atores cuja mediação é indispensável à ocorrência de qualquer ação. Em lugar de uma rígida oposição entre contexto e conteúdo, as cadeias de translação referem-se ao trabalho graças aos quais os atores modificam, deslocam e transladam seus vários e contraditórios interesses (MARQUES, 2008: 3).

No tocante ao conceito de ator-rede, segundo o mesmo autor, esse se constitui como um rizoma¹⁸, portanto, como entidades a – históricas, atemporais e a - contextuais. Sendo assim, os atores-rede são um tipo de entidade circulante, onde as

¹⁷ Corriqueiramente, definiu-se por bioteste - como o próprio nome já indica - os teste que possuem a capacidade de determinar o poder ativo de uma substância ou droga, em animais ou seres humanos.

¹⁸ No mesmo artigo Marques definiu rizoma como uma entidade atemporal, a - histórica, a - contextual. Nesse sentido, o rizoma é uma antigenealogia. As entidades identificadas como rizomas são, por definição, extirpadas de qualquer referência de início ou fim. Assim como os atores-rede, os rizomas não possuem qualquer predicado, seja ele bom ou ruim (MARQUES, 2007).

dicotomias como, por exemplo, agência e estrutura, se alternam, esvaziam e voltam a se preencher infinitamente.

Na análise do fenômeno da formação social dos futebolistas, os conceitos supracitados serviram para que possamos compreender de que modo as ações dos humanos se co-adunam com as performatividades dos atores-rede na conformação da ordem social dentro dos centros de treinamento/formação. Em outras palavras, analisaremos a luz dos conceitos de performatividade, translação, agenciamento, como se dá a formação dos boleiros em Pernambuco, mais especificamente no Sport Club do Recife e no Clube Náutico Capibaribe, a partir de um ponto de vista onde humanos e não-humanos são igualmente produtores do real, e conseqüentemente, possuem iguais direitos de representação sociológica (MARQUES, 2006). Para tal, descreveremos e analisaremos os treinamentos dos aprendizes da equipe de juniores desses dois clubes.

3. AS PERFORMATIVIDADES DOS ATORES-REDE E OS TREINAMENTOS

Tendo sido aprovados nos processos seletivos do Sport Club do Recife e Clube Náutico Capibaribe¹⁹, os aspirantes a futebolista passam a integrar as categorias de base destes clubes. Primeiramente, os agora aprendizes de futebol²⁰ integram suas respectivas equipes na condição de novatos e como conseqüência terão seu desenvolvimento confrontado aos dos veteranos da equipe. Nesta fase, observa-se também a realização de avaliações físicas por parte dos preparadores físicos, fisiologistas e médicos, que através de métodos de avaliação verificam as condições físico-químicas dos aprendizes. Em posse dos resultados dessas duas avaliações, a comissão técnica pode então definir o trabalho com cada um dos aprendizes em específico.

Nas categorias infantil e juvenil do Sport e Náutico, caso o aprendiz apresente alto rendimento técnico, mas possua um déficit de estatura para a sua idade e posição, é avaliada a possibilidade dele ser submetido a algum tipo de tratamento hormonal. Se ao

¹⁹ A respeito dos processos seletivos tanto no Sport Club do Recife quanto no Clube Náutico Capibaribe vide o trabalho de conclusão de curso de Acássia S. Silva, defendido em agosto de 2010, pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco.

²⁰ Ao falarmos em aprendizes de futebol, ao invés de aspirantes a futebolista, almejamos chamar a atenção do leitor para o fato de que há uma distinção entre os indivíduos que porventura integram as categorias de base de um clube, e aqueles que estão à margem do aprendizado do futebol a nível profissional.

invés da estatura a sua dificuldade reside no ganho de massa muscular, será prescrita uma dieta alimentar pela nutricionista do clube, ficando a cargo do preparador físico a indicação de suplementos alimentares. Caso a debilidade do aprendiz seja de cunho técnico como, por exemplo, dificuldade nas finalizações com a perna esquerda – neste caso, se ele for destro –, ao longo dos treinamentos técnicos lhe será cobrado o mesmo desempenho apresentado nas finalizações com a perna direita para a perna esquerda. Em síntese, o ingresso nas categorias de base de um clube consiste tão somente no primeiro passo de uma longa jornada que é o processo de formação de um jogador profissional de futebol.

Os garotos que integram a categoria infantil dos dois clubes costumam treinar uma média de duas horas por dia, cinco vezes por semana. Já os aprendizes das categorias juvenis treinam geralmente três horas por dia, também cinco vezes por semana, sendo que do total de quinze horas de treinamento semanal, seis são dedicadas ao desenvolvimento físico.

Os juniores (Sub-20), por sua vez, treinam dois turnos, cada turno com uma hora e meia de duração, seis vezes por semana no período de competições. Um dos turnos de treinamento do Sub-20 geralmente é destinado ao desenvolvimento muscular e físico dos atletas, e o outro aos treinamentos técnicos e táticos da equipe. Quando não estão competindo, a carga de trabalho é reduzida para apenas um turno de treinamento. Pode-se concluir, portanto, que à medida que o aprendiz é promovido à categoria subsequente, a quantidade de horas consagradas ao aprimoramento físico, técnico e tático é ampliada.

Parece-nos correto dizer que as categorias iniciais da formação de jogador – categoria infantil e juvenil – prestam-se majoritariamente ao aprimoramento das habilidades técnicas e táticas dos aprendizes, em detrimento do desenvolvimento muscular dos mesmos. Em parte, a primazia da evolução da técnica individual frente ao enriquecimento muscular justifica-se, uma vez que o sistema ósseo e muscular de um ser humano jovem – neste caso, aprendizes com idades que variam de treze a dezesseis anos de idade – ainda não está plenamente desenvolvido e, portanto, não é capaz de suportar uma carga mais intensa de trabalho físico²¹.

Contrariamente ao que ocorre nas categorias assinaladas, o aprimoramento físico dos juniores é um dos aspectos mais abordados. Pode-se afirmar que o

²¹ Impressões colhidas juntos aos preparadores físicos do Sport e Náutico.

desenvolvimento físico dos juniores do Sport e Náutico equipara-se em importância ao aperfeiçoamento técnico, visto que as avaliações, trabalhos de incremento de força e resistência muscular tornam-se mais constantes. Isto se daria, entre outros motivos, pelo fato de que os aprendizes que se encontram da equipe de juniores estão próximos da profissionalização, figurando, por vezes, na condição de segundo ou terceiro reserva da equipe profissional. Isto significa que, estando no segundo ano como aprendiz da categoria de juniores, a possibilidade de estrear como profissional pelo clube é questão de tempo. Para tal, o aprendiz deve estar apto fisicamente para suportar os noventa minutos da partida, jogando, diga-se de passagem, com alto desempenho e um intenso desgaste muscular. A título de informação, deve ter-se em mente que um atleta profissional de futebol ao correr pode atingir a incrível velocidade de 32,4 km/h, enquanto que o recordista mundial dos 100 metros rasos, o jamaicano Usain Bolt, corre os trinta primeiros metros dessa prova a uma velocidade de 34 km/h (GLOBOESPORTE, 2010). Assim, um jogador profissional de futebol possui um desenvolvimento muscular muito semelhante ao de um velocista. Entretanto, é sabido que Bolt disputa as provas dos 100, 200 ou 400 metros e, por conseguinte, seu esforço físico é pequeno se comparado ao esforço de um futebolista profissional. Este tem de jogar uma partida de dois tempos de quarenta e cinco minutos e percorrer – dependendo de sua posição – entre dez a doze quilômetros por jogo²². Cabe concluir, pois, que os aprendizes que integram a equipe Sub-20 já devem ter um condicionamento físico muito próximo ao dos atletas profissionais, porquanto podem ser alistados para atuar pelo clube a qualquer momento e, conseqüentemente, terão de demonstrar que estão prontos para ascender ao quadro profissional do clube. Por certo, ter um desempenho abaixo do esperado por treinadores, preparadores físicos e fisiologistas pode comprometer a profissionalização de um aprendiz.

Além dos horários de treinamento, os momentos de lazer dos aprendizes prestavam-se também (majoritariamente) ao seu aprimoramento cognitivo, técnico e tático, seja pela participação nas peladas do bairro ou em partidas de futsal, seja pela adesão às disputas de jogos virtuais de futebol. Durante a pesquisa de campo, freqüentemente ouvimos aprendizes que afirmavam aprender bastante ao disputarem partidas virtuais de futebol, isto porque adicionavam ao seu repertório futebolístico as jogadas vislumbradas nos *softwares* empregados para a simulação dos jogos. Assim

²² Impressões colhidas junto ao fisiologista do Sport durante conversa informal.

como os demais apreciadores de jogos virtuais, os aprendizes tinham nos lances e jogadas do argentino Leonel Messi uma fonte de inspiração e aprendizado.

É interessante notar que, tal como outrora, onde assistir a partidas de futebol fazia parte do aprendizado de um futebolista, os jogos virtuais permitem que os aprendizes se familiarizem com os esquemas táticos, as formas de posicionamento dos jogadores mais habilidosos e experientes e o aprendizado de jogadas que mais parecem obras de arte. Por certo, assistir aos jogos de futebol dos mais diversos campeonatos ainda é parte do receituário dos treinadores. Entretanto, os aprendizes, na maioria das vezes, preferem os jogos virtuais, porquanto estes permitem um nível maior de interatividade do que os jogos televisionados²³.

OS TREINAMENTOS NA EQUIPE SUB-20 DO CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE

Entre os meses de fevereiro e junho de 2010 se deram as observações de campo junto à equipe Sub-20 (juniores) do Clube Náutico Capibaribe, tendo acompanhado oportunamente neste período os treinamentos, partidas seletivas e os jogos oficiais disputados pelo Campeonato Pernambuco da categoria. A equipe Sub-20 era composta por trinta e sete jovens com idade de dezoito a vinte anos. Esses aprendizes contavam com a dedicação quase que exclusiva de sete profissionais, entre treinadores, preparadores físicos, preparador de goleiros, fisiologista etc. Os juniores treinavam em dois turnos diários, seis vezes por semana. Caso houvesse sido disputado algum jogo oficial no domingo, a segunda-feira era o dia de folga da comissão técnica e dos aprendizes. Deste grupo, aproximadamente seis jogadores dos juniores encontravam-se em fase de estágio no quadro profissional do clube, participando unicamente de alguns treinamentos na companhia dos demais aprendizes da equipe.

Os treinamentos dividiam-se em treinamentos físicos, táticos e técnicos. Em virtude de a equipe disputar naquela ocasião o Pernambucano, os onze aprendizes que compunham o quadro de titulares participavam de um treinamento (com duração de aproximadamente vinte minutos) com o treinador, onde eram passadas orientações sobre o posicionamento tático de cada jogador e ensaiadas a execução de algumas

²³ Inversamente ao que ocorre nos clubes europeus, Náutico e Sport não exploram ainda as possibilidades de aprendizado decorrente da utilização de *softwares* de simulação ou jogos virtuais para o aprimoramento de seus aprendizes.

jogadas. Passado tal treinamento, os reservas e novatos da equipe juntavam-se aos titulares para a realização de um treino coletivo. Ao longo do coletivo, o treinador – que geralmente também fica responsável por arbitrar o jogo – chamava a atenção dos titulares quanto ao posicionamento e a execução das jogadas que haviam ensaiado anteriormente.

A preparação física dos aprendizes ficava a cargo do chefe da preparação²⁴, neste caso o fisiologista e preparador do clube. Os aprendizes do Sub-20, diversamente dos garotos do infantil e juvenil, necessitam dedicar ao aprimoramento físico um quantitativo superior a duas horas diárias. Isto porque os fundamentos do futebol, esquemas táticos e as próprias habilidades futebolísticas dos aprendizes que conseguiram chegar aos juniores já foram trabalhados nas categorias precedentes, sendo a preparação física o quesito que mais merece a atenção dos profissionais envolvidos na formação de jogadores. Em outras palavras, os ensinamentos técnicos e táticos são passados aos aprendizes nas categorias iniciais, sendo reservado aos formadores da categoria Sub-20 a missão de aprimorar as faculdades físico-motoras dos indivíduos e, por conseguinte, torná-los aptos a atuar pelo clube no quadro profissional, seja do clube formador, seja do clube para o qual ele será negociado.

Descritas as particularidades da dinâmica organizacional dos treinamentos, é chegada à hora de imergirmos na análise dos treinamentos e, mais especificamente, no papel sociológico dos atores-rede nesses momentos que compõem o aprendizado do futebol em nível profissional. Em primeiro lugar, faz-se necessário que descrevamos as entidades envolvidas nos treinamentos, a saber: os campos de treinamento e, conseqüentemente, os gramados e suas performatividades; as chuteiras dos aprendizes, e, por fim, a bola.

Os campos de treinamento geralmente são os de número um e quatro do Centro de Treinamento, ambos apresentando o mesmo tipo de gramado. O campo de número quatro, no entanto, possui um nivelamento de maior qualidade e o ponto de corte de aproximadamente cinco centímetros. Já o campo de número um tem o corte a três centímetros. Apenas em um único treino – a saber, o coletivo realizado na véspera da partida entre Náutico e Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas – foi permitido que a comissão técnica utilizasse o campo de número dois, o qual é de uso

²⁴ Durante a realização da pesquisa de campo, houve uma mudança na comissão técnica dos juniores do Náutico. O até então chefe da preparação física, o senhor Denis, afastou-se do clube, tendo o fisiologista das categorias de base, o senhor Adriano, assumido o seu lugar e, portanto, acumulado as funções de fisiologista e chefe da preparação física.

exclusivo da equipe profissional²⁵. O campo de número dois possui um nivelamento que beira a perfeição, o corte da grama é de aproximadamente quatro centímetros e, sem sombra de dúvida, é o melhor do CT. O campo em questão fica em um nível um pouco acima dos demais, estando situado próximo aos únicos vestiários do CT, o qual é compartilhado pelos atletas do profissional e aprendizes dos juniores.

Ao contrário do que se imagina seguidamente, é vetada a utilização do campo de jogo do Estádio dos Aflitos para treinamentos. A única equipe que possui a liberação para tal é a profissional; no entanto, em decorrência das péssimas condições do gramado, apenas alguns poucos treinamentos ocorrem nos Aflitos, sendo a preferência a utilização do campo de número dois do CT. Neste sentido, uma vez que o campo de treinamento possui características diversas do campo onde são realizadas as partidas oficiais, os aprendizes e os atletas do profissional não têm, ao jogar em casa, a benesse de ter o conhecimento das performatividades da entidade campo a seu favor. Antes, jogam no próprio estádio na condição de um “visitante” que, muito embora conheça as características do campo, não consegue adequar-se às performatividades da própria arena de exibição pública. Em outras palavras, uma vez que o gramado dos Aflitos apresenta características diversas das evidenciadas nos campos de treinamento do CT, os aprendizes sentem, da mesma forma que seus adversários, os limites performativos da entidade campo dos Aflitos. Adaptar-se à imposição da realidade social a partir das ações do campo, bola e chuteira é igualmente difícil para jogadores do Náutico ou visitantes.

No tocante às chuteiras utilizadas no treinamento, os aprendizes possuem dois ou três pares de uso comum para treinos e jogos. Não há por parte da comissão técnica a prescrição de que tipo de chuteira eles devam adquirir. É lícito supor que não haja, por seu turno, a exigência quanto ao emprego das chuteiras de trava metálica para jogos onde o campo é alto e encontra-se encharcado e/ou chuteiras de pino de borracha para situações de jogo onde não é benéfico à aderência do jogador com o campo, por exemplo. Entretanto, segundo a fala do próprio treinador da equipe Sub-20, nos jogos a comissão técnica indica que chuteira os aprendizes devem usar, com vistas a responder à realidade performada da entidade campo.

A bola usada nos treinamentos é do mesmo tipo e modelo daquela usada no Campeonato Pernambucano. Por certo, ao treinarem com bolas que possuam a mesma

²⁵ O acesso a este campo de número dois é proibido, tanto é que os aprendizes do clube sequer podem cruzar o gramado do campo dois para ter acesso ao campo um.

esfericidade e peso, os aprendizes têm a oportunidade de conhecer as performatividades dessa entidade sob a égide de várias realidades sociais, seja no campo espesso e alto dos Aflitos, seja nos gramados mais nivelados e de corte baixo do CT. Isto, por seu turno, ajudará os aprendizes em sua carreira como profissional, em virtude do ganho de experiência futebolística decorrente do conhecimento dos limites performativos das entidades e dos deslocamentos que os atores humanos realizam para adequar-se às condições de jogo.

De forma geral, pode-se dizer que os treinamentos no campo um apresentam muitas características em comum com o campo de número quatro, pois a rede de relações que emerge com a ação das entidades bola, gramado ligeiramente baixo e irregular e chuteira produz uma realidade na qual o toque de bola é algo relativamente fácil de ser executado, e onde segurar e carregar a bola também são deslocamentos possíveis. Destarte, nos treinamentos realizados no campo de número quatro, o desgaste físico é um pouco menor em decorrência da maior regularidade do campo e, conseqüentemente, prestam-se ao papel exclusivo de aprimoramento tático e técnico da equipe. Assim, o campo de número um é o que permite aos aprendizes desenvolverem-se, simultaneamente, técnica e taticamente enquanto adquirem um melhor condicionamento físico.

A possibilidade de treinar em dois campos com características ligeiramente distintas, portanto, com produções da realidade diversas por parte dos não-humanos, permite aos aprendizes a possibilidade de desenvolver uma espécie de banco de dados cognitivo com distintas estratégias de jogo. O acesso a este *background* supostamente faz-se necessário todas as vezes que a realidade social produzida seja desfavorável à apresentação da técnica corporal do então jogador profissional. Por certo, diferentemente do que ocorre no Náutico, há clubes que se utilizam de forma sistemática das performatividades dos atores-rede campo, bola e chuteira para o treinamento dos quadros profissionais e quadros de formação. Isto no intuito de que os jogadores se acostumem mais facilmente a diversos tipos de realidades produzidas por esses entes. Os clubes que possuem as estruturas físicas para a realização de treinamentos com diversos tipos de campo forjam seus atletas de modo a prepará-los – conscientemente – para uma gama de realidades sociais, de modo a torná-los aptos a jogar seja qual forem os idiomas performativos encontrados na partida.

Concomitantemente à realização dos treinamentos técnicos e táticos, os aprendizes do Sub-20 eram submetidos a treinamentos físicos voltados para o aumento

da capacidade muscular e resistência física, sem contar as avaliações físicas que figuravam como uma rotina para esses indivíduos. Os treinos para desenvolvimento físico-químico eram executados na maioria das vezes à beira do campo. Estes treinos eram complementados pelas rotinas de musculação, ora na academia do clube, ora em uma academia privada com a qual clube tinha um convênio.

Em algumas ocasiões foi possível observar a avaliação dos aprendizes com o uso do frequencímetro, um artefato que afere e informa a frequência cardíaca dos indivíduos, prestando-se assim à realização de avaliações físicas para determinar o esforço físico que cada atleta tem de empregar para jogar uma partida inteira. Ao longo de algumas semanas o chefe da preparação aferiu e avaliou os resultados de cada aprendiz (no seu pulso e do seu auxiliar ficavam os aparelhos que informavam a frequência cardíaca). O uso do artefato é bastante simples. No início do treino era colocado no aprendiz o frequencímetro. Em seguida, era pedido pelo preparador físico que o mesmo realizasse uma pequena volta no campo, com vista a ser verificada a frequência de batimentos cardíacos em um esforço leve. Após a realização desta volta, o aprendiz entrava em campo para participar do coletivo, ou então ia para a rotina de treinos de resistência. O preparador físico e seu auxiliar sempre escolhiam dois aprendizes para monitorar; a cada frequência cardíaca elevada, os valores informados pelo aparelho iam para uma tabela de posse do auxiliar. A performatividade deste atorede foi utilizada para aferir o condicionamento físico dos aprendizes. Não bastava ao preparador físico a palavra dos aprendizes quanto à execução fidedigna das rotinas de treino físico. Em uma interpretação latouriana, fazia-se necessário o testemunho de um não-humano, que por meio de suas ações e inscrições asseguravam-se de fato as ações dos aprendizes.

À primeira vista, os atores-rede – além da imposição da realidade – prestam-se também ao papel de testemunhas que são constantemente evocadas para relatar de que modo o corpo dos aprendizes está reagindo aos treinamentos e às partidas disputadas, ou ainda, se o excesso de musculatura pode ser entendido como um sinal de que eles estão condicionados fisicamente ou é apenas uma falsa prova que deve ser examinada.

OS TREINAMENTOS NA EQUIPE SUB-20 DO SPORT CLUB DO RECIFE

Com o término do Campeonato Pernambucano de 2010, os juniores do Sport, assim como os do Náutico, tiveram um período de recesso de aproximadamente dez dias. Ao final deste período, os aprendizes que se destacaram no certame foram incorporados à equipe profissional na condição de novatos ou estagiários, sendo a sua efetivação algo a ser analisado.

A saída dos destaques da equipe forçou o treinador a re-organizar o time. Inicialmente, o trabalho de re-configuração da equipe de juniores do Sport limitou-se à realização de uma série de treinamentos técnicos, com vistas à melhoria do entrosamento futebolístico entre os aprendizes. A partir das observações dos treinamentos coletivos, o treinador selecionou os indivíduos que apresentavam condicionamento físico e técnico para ocuparem as vagas de titulares deixadas pelos aprendizes promovidos para o profissional. A preparação dos juniores visava, naquele momento, dar continuidade ao calendário de atividades futebolísticas com a disputa de amistosos até que houvesse uma nova competição a ser disputada.

Após a disputa do Campeonato Pernambucano, a rotina de treinamentos foi diminuída pela metade, sendo os treinamentos físicos reduzidos para apenas uma seção semanal. Esta redução deve-se, entre outros motivos, ao fato de que, segundo as avaliações realizadas no mês de março – praticamente na reta final do Campeonato Pernambucano –, os juniores apresentavam um bom condicionamento físico, segundo as falas do preparador físico e fisiologista do clube.

De modo geral, observava-se nos treinamentos coletivos uma heterogeneidade de desempenhos futebolísticos entre os aprendizes. Os poucos veteranos remanescentes do time que disputou e venceu o Pernambucano tiveram de demonstrar ao treinador que se encontravam aptos para figurarem na condição de titulares absolutos da equipe. Os novatos, por sua vez, possuíam muitas debilidades táticas e físicas e, certamente, se comparados aos aprendizes com um ano ou mais na condição de juniores, não estavam prontos para galgarem uma vaga de titulares.

Via de regra, os treinamentos técnicos e táticos da equipe de juniores ocorrem no campo de número três do CT. Este, por sua vez, é também o campo de treinamento dos atletas profissionais do clube. Em linhas gerais, pode-se dizer que o campo em questão,

apesar de abrigar os treinamentos da base e quadro profissional, não oferece aos jogadores e aprendizes a oportunidade de treinar em um campo com gramado melhor do que o encontrado no estádio da Ilha do Retiro. Ao invés disto, o campo de treinamento parece refletir as péssimas condições do gramado do estádio do clube.

Se quisermos estabelecer uma comparação em termos da relação entre campo de treinamento e estádio onde possuem mando de jogo, é lícito dizer que os juniores do Náutico treinam em campos com gramado de qualidade muito superior ao encontrado no Estádio dos Aflitos e, por conseguinte, apresentam uma queda de desempenho ao jogarem em seu próprio estádio. No caso do Sport, os aprendizes do mesmo têm a vantagem de treinar em um campo com performatividades muito similares às encontradas na Ilha do Retiro.

Outros atores-rede além do gramado influem nos treinamentos dos juniores do Sport. Dentre eles a chuteira de trava, a bola utilizada no campeonato estadual e a caneleira. As performatividades desses atores-rede alinhadas aos idiomas performativos da entidade campo de treinamento ditaram o ritmo dos treinamentos e seleção dos aprendizes que ocupariam as vagas de titulares.

Ao longo das observações dos treinamentos coletivos, tornou-se notório que o campo três possui nivelamentos e cortes distintos, sendo possível testemunhar performatividades distintas, e às vezes antagônicas, a depender do lado que o aprendiz realize uma jogada. Um exemplo disto decorre da feitura das jogadas popularmente conhecidas como “carrinhos”, onde os jogadores se valem da performatividade da entidade campo com vistas a resvalar seu corpo e, a partir deste movimento, retirar a bola do adversário, as quais só são possíveis de serem executadas no lado esquerdo do campo.

Com efeito, o “carrinho” pode ser entendido como um tipo de estratégia na qual a habilidade do jogador que detém a posse da bola é confrontada com o deslocamento dos interesses de um segundo jogador, o qual ambiciona retirá-la de seu “domínio” e, por conseguinte, frear qualquer intento de uma finalização ou um passe. Para que a ação do jogador que almeja retirar a bola ocorra, ele deve recorrer à mediação de um ator não-humano, neste caso o gramado, tendo em vista que a performatividade desta entidade é condição *sine qua non* para sua própria ação.

O lado direito do campo foi preterido pelos aprendizes para a realização dos “carrinhos” em decorrência de que nessa extremidade do campo o gramado é demasiadamente irregular e de corte alto. Sendo assim, ao contrário do que se observava

na extremidade esquerda do campo – na qual o gramado era relativamente regular e a grama possuía um corte de aproximadamente três centímetros –, as performatividades da entidade campo no lado direito inviabilizavam a ação dos atores humanos que, porventura, desejassem aplacar um “carrinho” sobre o adversário.

Assim, do ponto de vista dos agenciamentos dos atores-rede, tornou-se interessante perceber como os atores-rede (bola, gramado, campo, chuteira e caneleira) produziram um contexto de apreciação das habilidades técnicas de veteranos e novatos, onde os primeiros, em virtude de treinarem a mais tempo na equipe, conseguiram demonstrar mais facilmente sua técnica e perícia futebolísticas.

5. O FUTEBOL MODERNO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Iniciamos este artigo discutindo a partir de um ponto de vista da sociologia simétrica, a importância dos atores-rede para a formação dos futebolistas em Pernambuco, tomando por base a análise das rotinas de treinamento para o aprendizado do futebol moderno. Ainda que não ambicionemos esgotar todas as possibilidades analíticas sobre a temática futebolística, alguns aspectos emergem espontaneamente quando o assunto é a formação de futebolistas e a utilização de artefatos tecnológicos (endógenos e exógenos ao jogo). Dentre eles destacam-se: a relação entre inovação tecnológica e a mercantilização do futebol; a transformação do futebol de uma simples prática esportiva para um produto comercializável de uma sociedade pós-industrial; e por fim, as redes de relações de poder que se estabelecem entre a FIFA e suas Confederações Nacionais e Estado-Nação. A abordagem de cada um destes assuntos demandaria a feitura de vários artigos ou de um livro; por hora, contentemo-nos em explanar sem, contudo, aprofundarmo-nos as implicações de cada um desses pontos para a formação dos futebolistas brasileiros, particularmente dos boleiros de Sport e Náutico. Faz-se necessário - antes de abordarmos esses pontos - esclarecer que alguns conceitos empregados nesta seção são estranhos a teoria do ator-rede; entre eles: poder, mercantilização ou mercadorização, pertencimento, Estado-Nação. A razão para a não utilização destes conceitos pelos teóricos da TAR dar-se-ia, entre outros motivos, pela primazia da observação e análise dos agenciamentos e performatividades dos atores-rede; em contraposição, aos estudos clássicos da sociologia que se dedicam,

exclusivamente, a compreensão da produção do social a partir das ações e intencionalidades dos os atores sociais humanos. A transposição desses conceitos para dentro deste artigo torna-se lícita uma vez que é importante que compreendamos como as ações dos preparadores físicos, fisiologistas e treinadores estão alinhadas com o processo mercantilização do futebol e, conseqüentemente, exigência de boas performances por parte dos boleiros. Coaduna-se a isto, a necessidade de compreendermos como as performatividades dos atores-rede e a ação dos atores humanos (especialistas em formação de futebolistas), constituem um coletivo heterogêneo que envolve - além destes atores sociais já mencionados - investidores da bolsa de ações, empresas fabricantes de materiais esportivos, emissoras de TV, políticos, etc. Deste ponto de vista, a formação dos futebolistas de Sport e Náutico avulta-se como um processo complexo que envolve uma diversidade de agenciamentos, os quais se alinham para a constituição de um futebol altamente competitivo e racionalizado.

Pode-se dizer que o processo de mercadorização do futebol teve início a partir da Copa do Mundo FIFA no ano de 1990. A partir daquela Copa, o futebol tornou-se um dos negócios mais lucrativos da atualidade (GIULIANOTTI, 2002). Movimentando alguns bilhões de dólares, seja com a venda de produtos esportivos, seja com a transmissão dos jogos; o futebol é, hoje, um produto de uma sociedade pós-industrial, a qual transformou os bens simbólicos e práticas culturais em mercadorias passíveis de serem comercializadas, haja vista que re-significa e re-orienta as atitudes culturais, com vistas à transformação desses em bens de consumo.

No caso do futebol, a mercadorização ou mercantilização possui duas dimensões distintas. De um lado, a mercadorização do esporte por meio da venda de produtos identificados com os clubes ou craques da bola (camisas de futebol, materiais esportivos, simuladores de jogos virtuais, etc.), a vinculação de propagandas publicitárias nas camisas oficiais do clube e/ou a beira no gramado (alambrado) e a transmissão dos jogos não só por canais de TV abertos, como também na TV por assinatura. Todos estes elementos rendem bilhões de dólares anualmente para os clubes, grandes investidores das bolsas de valores que compram parte dos direitos federativos e de imagem dos jogadores e/ou ações dos clubes-empresas, empresários de jogadores e emissoras de TV que lucram com a cobrança de verdadeiras fortunas por alguns segundos durante o horário comercial que é exibido no intervalo das partidas e/ou exibição do jogo. Os jogadores, por sua vez, além dos ganhos advindos pela atuação nos

clubes, há ainda os rendimentos decorrentes da vinculação da imagem durante a transmissão dos jogos pelas emissoras de TV e os contratos de publicidade para a participação em comerciais que promovem o consumo desde bens ligados diretamente ao futebol (materiais esportivos) a bens de consumo banal como produtos de higiene pessoal.

Coaduna-se com a mercadorização do jogo, a mercadorização dos jogadores. A transformação dos jogadores de futebol em patrimônio dos clubes empregadores a partir da profissionalização do esporte, com a instituição do “passe” em meados de 1933, no Brasil. Entendia-se por “passe” de um jogador, o reconhecimento de que ele era um trabalhador assalariado, mas sem direito a livre transferência para outro clube, isto porque, ainda que seu *status* laboral fosse de empregado do clube, a interpretação que se fazia era de que o jogador se configurava como um patrimônio do clube e, por conseguinte, sua transferência dependia do pagamento de uma indenização pela cessão do jogador (SILVA & LIMA, 2009).

O fim do “passe”, no Brasil, ocorreu ao longo da década de 1990, com a promulgação da Lei Pelé (9.615/98). Acreditava-se que com a extinção do “passe” que os jogadores de futebol teriam seu *status social* modificado, passando a ser visto como trabalhador assalariado com plenos direitos de mudar de “emprego/clube” quando fosse de seu desejo. Contudo, alguns instrumentos para-jurídicos, tais como, os direitos federativos e direitos de imagem instituíram uma nova forma de “passe”, adequada obviamente à nova dinâmica econômica, a saber, de desmembramento desta nova forma de “passe” e comercialização deste na forma de ações vinculadas às principais bolsas de ações. Grosso modo, os direitos federativos e de imagem constituem uma espécie de “passe”, onde o clube formador e/ou empregador negocia estes direitos na forma de ações e em caso de venda do jogador, os acionistas recebem os lucros pela negociação, cabendo ao clube formador 5% do valor da negociação. Um exemplo disto pode ser extraído da reportagem da Revista Veja de 13 de maio de 2009, sobre os altos valores alcançados por investimentos na compra e venda de jogadores. Entre os vários exemplos de altas negociações realizadas no mundo do futebol, chama à atenção a rentabilidade advinda da negociação do zagueiro Henrique Buss - ex-Palmeiras e ex-Coritiba – o qual rendeu a empresa *Traffic* uma rentabilidade de 196% em seis meses, já que a empresa comprou o jogador do Coritiba por 6,5 milhões de reais e vendeu ao Barcelona por 22,4 milhões. A reportagem faz ainda uma comparação entre a rentabilidade dos investimentos ditos tradicionais e a compra e venda de jogadores,

enquanto a venda de Henrique Buss rendeu a Traffic 196%, o ouro teve uma rentabilidade de 32,13%, no ano de 2008 (VEJA, 2009).

Certamente, para os clubes empregadores e/ou formadores e aos investidores detentores dos direitos federativos e de imagem de um jogador não é interessante que os jogadores se lesionem com frequência, pois sucessivos processos lesionários podem comprometer o capital investido na compra desses direitos. Assim, aos clubes e investidores interessa ampliar o tempo de carreira útil dos futebolistas, a fim de garantir os lucros esperados com a aquisição do “passe” de um jogador e, por conseguinte, que a cada negociação para sua transferência ou renovação de contrato de trabalho haverá uma valorização do “passe” do jogador. Neste sentido, não basta que os futebolistas tenham um tempo de carreira longo, antes, é desejável que eles possuam um tempo de carreira útil elevado, haja vista que a cada lesão grave seu “passe” irá se desvalorizar e os acionistas detentores do “passe” terão seu lucro reduzido. A fim de maximizar os lucros e minimizar as perdas, a inovação tecnológica tem auxiliado na prevenção e tratamento de vários tipos de lesões, que acometem com frequência os jogadores. Estes avanços tecnológicos se inserem na lógica de mercadorização do jogador, com vista a preservar o capital econômico investido tanto na formação dos jogadores quanto no desempenho profissional destes.

Uma faceta importante da questão da mercadorização diz respeito à evasão dos jovens craques dos gramados. Observa-se na última década, a imigração de jovens futebolistas com idades de 16 a 20 anos, que já iniciam a carreira de jogador fora do Brasil. Isto tem preocupado, principalmente, os aficionados pelo esporte e os clubes nacionais, os quais argumentam a falta de fiscalização quanto ao cumprimento efetivo da Lei Pelé que só permite que futebolistas com 20 anos ou mais possam ir jogar no exterior. Até o presente momento, este debate sobre a imigração de jogador parece estar restrito aos círculos acadêmicos e futebolísticos, não tendo o governo brasileiro debatido sistematicamente esta questão.

Esta “fuga das chuteiras” ou imigração dos jogadores é um fato nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Em busca de altos salários e reconhecimento mundial, muitos jovens jogadores vão jogar em países europeus ou asiáticos. Por certo, o desligamento precoce com a cultura de origem acaba por interferir nos elementos vinculados ao pertencimento nacional e, conseqüente, identificação cultural com o país de origem, tornando-se cada vez mais comum observar jogadores brasileiros atuando por

outras seleções nacionais, conseqüente, naturalizando-se ou vinculando-se a outra identidade nacional (RIAL, 2008).

Certamente, o Sport e o Náutico fazem parte desta dinâmica de mercadorização de jogadores na condição de fornecedores de mão-de-obra para os mercados europeus e asiáticos. Ambos os clubes tem investido, nos últimos anos, na formação de futebolistas, seja para o plantel do clube, seja para a negociação. Há de se avaliar - dentro da atual situação vivida pelos Sport e Náutico que - em virtude do rebaixamento de ambos para a série B do Campeonato Brasileiro -, pode haver uma redução na procura dos jogadores formados por estes, ou ainda, a redução dos valores ofertados para a compra dos jovens craques dos dois clubes. A motivação da redução dos valores dos boleiros desses clubes deve-se; pela posição do clube no cenário futebolístico nacional, de um lado, e o alcance da transmissão dos jogos – principalmente na TV aberta –, pois, os jogos de Sport e Náutico na série B são transmitidos na TV aberta apenas para o Estado de Pernambuco e a depender do clube em parte da Região Sudeste. Isto, por sua vez, limita a exibição dos jogadores dos dois clubes e, por conseguinte, restringi as possibilidades de reconhecimento do dom/talento de atleta formados nesses clubes, conseqüentemente, interferir no número de negociações realizadas.

Alia-se a esta questão, a rede de relações de poder que se estabelece entre o Estado Nacional, particularmente os países em desenvolvimento como é o caso do Brasil, e a FIFA. A Federação Internacional de Futebol *Association* é uma entidade não-governamental que possui regras e normas de conduta que não estão vinculadas a nenhum país. Entre os vários dispositivos e normas da FIFA, há um que chama a atenção, a saber, a não aceitação dos Estados Nacionais sobre a FIFA, as Confederações Nacionais da FIFA e/ou seleções nacionais vinculadas. Isto significa que, efetivamente é vetado ao governo de qualquer país interferir nas questões ligadas às determinações da FIFA ou competições organizadas por esta. Neste sentido, pode-se dizer que a FIFA configura-se como uma entidade que se apresenta - para o futebol - acima do próprio Estado-Nação. Um exemplo disto pode ser extraído do caso de suspensão imposto pelo presidente da Nigéria a seleção nacional deste país, após a eliminação da mesma na primeira fase da Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul. Com a ameaça de suspensão de uma seleção associada, a FIFA se pronunciou contra a suspensão, tendo informado em comunicado oficial que, caso o presidente da Nigéria não voltasse atrás na sua decisão de suspender a seleção nacional, a entidade iria impor a suspensão para a participação em qualquer evento organizado pela entidade ou suas Confederações pelo

período de dois anos. Segundo Joseph Blater, presidente da FIFA, os Estados Nacionais não possuem o poder de suspender uma seleção nacional, sob a pena de ter a seleção desfilhada da FIFA. Com isto, o presidente da FIFA demonstrou que a Federação Internacional de Futebol Association está, para o futebol, acima do Estado Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma distância expressiva entre os futebolistas profissionais e os demais praticantes do futebol, a qual tem aumentado ao longo das últimas décadas em virtude, sobretudo, do ingresso do conhecimento técnico-científico nos espaços de formação/produção dos boleiros. Graças às performatividades dos atores-rede (entidades endógenas e exógenas ao futebol) o *status* social do jogador profissional de futebol foi alterado. Antes, os craques do gramado encontravam-se imersos tão somente em uma dinâmica de agenciamento humano e, por conseguinte, se alcançava o *status* de herói dos campos através do domínio de uma etiqueta corporal ligada à prática quase que lúdica do esporte. Agora, os futebolistas fazem parte de uma lógica de formação/produção dentro de uma rede sociotécnica que agrega entes humanos, técnica, artefatos e tecnologias, onde a sua consagração depende, simultaneamente, das suas competências físicas e técnicas.

A associação entre humanos e não-humanos para a formação de futebolistas é um fato observável nas rotinas de treinamentos nos Centros de Formação de todo o Brasil. Por certo, os aprendizes do Sport Club do Recife e do Clube Náutico Capibaribe não ficam alheios a essa dinâmica social. Nos treinamentos, os atores-rede desempenham o papel sociológico de produtores da realidade social que permitirá o aprendizado do futebol profissional, pois são as performatividades dos não-humanos que forçam os aprendizes a se adequarem a jogar em condições adversas. Neste sentido, o aprendizado das técnicas corporais ligadas à prática do esporte é mediado pela ação dos atores não-humanos, pois, a cada partida e/ou treinamento, os aprendizes são forçados a adaptar-se aos limites performativos decorrentes da produção da realidade pelos atores-rede (bola, chuteira, gramado, enzimas etc.).

Pode-se dizer que o tipo de formação/produção dos futebolistas do Sport e Náutico, do mesmo modo que em outras agremiações clubísticas brasileiras, visa

atender às exigências de um esporte que se tornou fisicamente mais desgastante com o passar dos anos. Na atualidade, os futebolistas percorrem de oito a dez quilômetros (a depender de sua posição/função) durante os noventa minutos de jogo, boa parte deles constituindo-se em deslocamentos que ocorrem sem a posse da bola. É para jogar em alto nível, apesar do desgaste físico, que desde as categorias de base os jogadores treinam em média seis horas por dia e seis vezes por semana.

Os poucos aprendizes que conseguem chegar à categoria profissional logo percebem que os treinamentos e avaliações físicas são uma constante da profissão que escolheram seguir. Por certo, os aprendizes do Sport e do Náutico sonham com o momento de sua estréia na equipe profissional, mas parecem esquecer que juntamente com a fama e as recompensas financeiras vêm também as cobranças dos torcedores. Estes, sempre ávidos por boas performances futebolistas, acreditam que os esquemas táticos são fruto da vontade do treinador e, por conseguinte, em caso de derrota da equipe, atribui aos jogadores e ao técnico a responsabilidade pelo fracasso. Ao contrário deste modo de pensar, fica evidente que as habilidades dos futebolistas e os esquemas táticos são o resultado das ações dos atores humanos (treinadores, médicos, fisiologistas, nutricionistas, preparadores físicos etc.) e dos limites performáticos impostos pelos atores-rede (bola, chuteira, enzimas etc.).

Sem sombra de dúvidas, ao escolhermos a teoria do ator-rede para a compreensão do fenômeno futebolístico, tornou-se possível compreender de que maneira os atores não-humanos influem na dinâmica futebolística e, por conseguinte, como os interesses dos atores humanos co-adunam com os limites performáticos dos entes não-humanos. O método etnográfico, por sua vez, trouxe para dentro deste trabalho a vivacidade que só a observação de campo poderia conferir, pois, ao acompanharmos as performatividades e os agenciamentos no momento que eles ocorrerem, conseqüentemente, foi possível examinar a formação dos futebolistas como algo em curso.

Após as considerações realizadas ao longo deste trabalho, parece acertado dizer, portanto, que o processo de formação/produção dos futebolistas de Sport e Náutico é o resultado dos agenciamentos e performatividades dos atores-redes alinhados aos interesses dos especialistas em formação, com vistas à “constituição de jogadores” aptos a se adequarem às exigências do futebol moderno. O que, por seu turno, envolvem questões econômicas e políticas, haja vista que o fenômeno futebolístico possui dimensões globais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Luiz Henrique de Azevedo. Não mais vira-latas... um homem genial! O Brasil como o país do futebol. **Esporte e Sociedade**, Porto Alegre, abr. 2008. p.1-15. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es806.pdf>. Acesso em: 10 outubro 2008.

CALLON, Michel. Dos estudos de laboratório aos estudos de coletivos heterogêneos, passando pelos gerenciamentos econômicos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 19, jun. 2008. p.302-321.

COURA, Kalleo. Chuteiras aqui valem ouro. **Revista Veja**, São Paulo, p.76-85, 13 maio 2009.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, nov. 2009. p.129-156.

DOMÈNECH, Miquel; TIRADO, Francisco Javier (Orgs.). **Sociología Simétrica**. Barcelona: Editorial Gedisa, 1998.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GLOBOESPORTE. **As diferenças dos atletas da copa da Afriaca do Sul e das demais Copas do Mundo**. Disponível em: <www.globoesporte.com>. Acesso em: 11 jul. 2010.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". In: GROSSI, Miriam Pillar. **Trabalho de campo e subjetividade**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. p.7-16.

JONAS, Hans. **Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. & WOOLGAR, Steve. (1997), *A Vide de Laboratório*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

_____. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. (2001), *A Esperança de Pandora*. Bauru, EDUSC.

_____. **Políticas da natureza:** Como fazer ciência na democracia. Bauru: Edusc, 2004.

_____. **Reensamblar Lo Social:** Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manatíal, 2008.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem.** Campinas: Papirus Editora, 1989. p. 15-48.

MARQUES, Denilson Bezerra. **Performatividade e agenciamentos humanos e não-humanos da realidade:** uma leitura por trás da Lei de Biossegurança a partir da Sociologia Simétrica de Bruno Latour. 2006. 302 f. Tese (Doutor em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFPE, Recife, 2006.

_____. **Posicionamento Teórico sobre a Noção de Rede Sociotécnica e de Ator-rede.** In: XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13, 2007, Recife. **1.** Recife: SBS, 2007. p. 1 - 23.

PICKERING, Andrew. **The Mangle of Praticce.** Chicago: The University Of Chicago Press, 1995.

PORTOCARRERO, Vera (Org.). **Filosofia, História e Sociologia das Ciências.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. 272 p.

RANZO, J. Manuel et al. (Org.). **Sociologia de la ciencia y latecnologia.** Madri: Csic, 1994.

RIAL, Carmen. RODAR: A CIRCULAÇÃO DOS JOGADORES DE FUTEBOL BRASILEIROS NO EXTERIOR. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, n.30, p.21-65, jul/dez, 2008.

SILVA, Acássia Souza. O papel sociológico dos atores-rede na formação futebolística dos atletas dos clubes pernambucanos. In: XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2009, Rio de Janeiro. O papel sociológico dos atores-rede na formação futebolística dos atletas dos clubes pernambucanos, 2009.

_____& Ferraz, Máira Neves. Os Agenciamentos dos atores-rede sua interferência na dinâmica dos clubes. In: XIV Encontro de Ciências Sociais do Norte-Nordeste, 2009, Recife. Os Agenciamentos dos atores-rede sua interferência na dinâmica dos clubes (Anais Eletrônicos do XIV CISO), 2009.

_____& Leonardo José Barreto de Lima. Pés que valem milhões: a profissão de jogador de futebol no Brasil, ontem e hoje. In: IV Encontro Cultura e Memória, 2009, Recife. Pés que valem milhões: a profissão de jogador de futebol no Brasil, ontem e hoje, 2009.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. DIFÍCIL RECONVERSÃO: FUTEBOL, PROJETO E DESTINO EM MENINOS BRASILEIROS. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, n. 30, p.85-111, jul/dez! 2008.

WOOLGAR, Steve. **Ciencia:** Abriendo La Caja Negra. Barcelona: Anthropos, 1991.

INTERNET

<http://www.timbunet.com.br/>

<http://www.nautico-pe.com.br/>

<http://www.sportrecife.com.br/>